



UNIFASC

HÁ 20 ANOS EDUCANDO E TRANSFORMANDO

RACE INTERDISCIPLINAR

REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA

ISSN 2674-7154



CUIDADOS DE ENFERMAGEM PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM AMBIENTE HOSPITALAR: ADAPTAÇÃO SENSORIAL E COMUNICAÇÃO VISUAL

Juziane Aparecida Oliveira

MOREIRA¹

Maria Eduarda RODRIGUES²

Maria Eduarda Lima NEVES³

Lucíola SANDIM⁴

Resumo: Este estudo aborda o cuidado de enfermagem para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em ambientes hospitalares, destacando as necessidades específicas em termos de comunicação, adaptação sensorial e manejo comportamental. O objetivo é identificar e analisar práticas de enfermagem que promovam um atendimento mais humanizado e eficaz para essa população. A metodologia adotada foi uma revisão bibliográfica de estudos e diretrizes recentes, visando compilar estratégias que atendam às particularidades das crianças autistas no contexto hospitalar. Os resultados apontam a importância de intervenções sensoriais adaptadas e o uso de comunicação visual para reduzir o estresse e facilitar o atendimento. Conclui-se que o desenvolvimento de planos de cuidado individualizados é essencial para melhorar a experiência hospitalar dessas crianças e promover um atendimento seguro e acolhedor.

PALAVRAS-CHAVE: Adaptação Sensorial; Comunicação Visual; Ambiente Hospitalar.

ABSTRACT: This study addresses nursing care for children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in hospital settings, highlighting specific needs in terms of communication, sensory adaptation, and behavioral management. The objective is to identify and analyze nursing practices that promote more humane and effective care for this population. The methodology used was a bibliographic review of recent studies and guidelines, aiming to compile strategies that meet the particular needs of autistic children in the hospital context. The results indicate the importance of adapted sensory interventions and the use of visual communication to reduce stress and facilitate care. It is concluded that developing individualized care plans is essential to improve the hospital experience for these children and promote safe and welcoming care.

Keywords: Sensory Adaptation; Visual Communication; Hospital Setting.

Av. Adelina Alves Vilela, 393

Bairro: Jardim Primavera – Itumbiara – GO

(64)3404-9020

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio neurológico caracterizado por dificuldades de comunicação, interação social e padrões comportamentais repetitivos. Ele é classificado como um espectro devido à sua ampla gama de manifestações, variando de deficiências mais sutis a limitações severas. Esses diferentes graus de manifestação podem dificultar o diagnóstico precoce e a identificação sem uma avaliação clínica detalhada. Com a prevalência do TEA em constante aumento nas últimas décadas, especialmente entre crianças, o interesse científico e social para compreender suas causas e consequências cresceu significativamente.

Estimativas do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) indicam que aproximadamente uma em cada 36 crianças nos Estados Unidos é diagnosticada com TEA, refletindo uma tendência global. Esse aumento nas taxas de diagnóstico está associado a um melhor conhecimento e reconhecimento do transtorno, além de uma possível interação entre fatores genéticos e ambientais, como complicações durante a gravidez, idade avançada dos pais e exposição a substâncias tóxicas.

A prestação de cuidados de saúde para crianças com TEA representa um desafio particular para profissionais da área, especialmente enfermeiros, que precisam adaptar suas práticas para atender às necessidades específicas dessas crianças, especialmente no que diz respeito à sensibilidade a estímulos e dificuldades de comunicação. Crianças no espectro autista enfrentam dificuldades únicas em ambientes hospitalares, onde procedimentos e exames, muitas vezes rotineiros para outras crianças, podem causar grande desconforto.

Dificuldades de comunicação, que podem variar de ausência completa de habilidades verbais a problemas de interpretação de gestos e expressões faciais, tornam o atendimento mais complexo. A hipersensibilidade a estímulos ambientais, como luzes fortes, ruídos ou texturas desconfortáveis, pode gerar um ambiente hospitalar angustiante para essas crianças, exacerbando comportamentos de resistência e dificultando o tratamento. Assim, a falta de estratégias adaptativas no atendimento pode transformar uma consulta em uma experiência potencialmente traumática, reforçando a necessidade de ajustes específicos para melhor atender a essas crianças.



UNIFASC

HÁ 20 ANOS EDUCANDO E TRANSFORMANDO

RACE INTERDISCIPLINAR

REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA

ISSN 2674-7154



Neste contexto, parte-se da hipótese de que a implementação de cuidados de enfermagem adaptados, considerando as particularidades sensoriais e comunicacionais das crianças com TEA, resulta em um atendimento mais humanizado, seguro e eficaz. Técnicas de comunicação visual, adaptação do ambiente e controle sensorial são algumas das estratégias que podem auxiliar no acolhimento e melhorar a experiência hospitalar dessas crianças, promovendo um cuidado mais adequado e menos estressante. A hipótese é de que essas práticas, além de facilitarem o trabalho dos profissionais de saúde, contribuiriam para uma melhora no comportamento e na aceitação de procedimentos médicos, diminuindo a ansiedade e o estresse da criança.

O objetivo geral deste estudo é analisar e desenvolver estratégias de cuidado de enfermagem que atendam às necessidades específicas de crianças com TEA no ambiente hospitalar, a fim de promover um atendimento mais apropriado e humanizado. Em termos de objetivos específicos, o estudo pretende identificar as principais dificuldades enfrentadas por essas crianças durante o atendimento, avaliar a eficácia de adaptações sensoriais e comunicacionais no cuidado oferecido, propor intervenções comportamentais que reduzam o estresse e desconforto e investigar como um ambiente sensorialmente ajustado pode impactar o comportamento e a aceitação de procedimentos médicos por crianças com TEA.

Este estudo é justificado pela crescente necessidade de melhorar a qualidade do atendimento de saúde prestado a crianças com TEA, garantindo que suas especificidades sensoriais e comportamentais sejam respeitadas. Os profissionais de saúde, especialmente os de enfermagem, frequentemente enfrentam desafios ao lidar com essa população, devido à falta de conhecimentos especializados sobre o transtorno e suas particularidades. A criação de planos de cuidado individualizados e intervenções comportamentais adaptadas pode transformar a experiência hospitalar dessas crianças, promovendo um ambiente menos estressante e mais seguro.

Dessa forma, compreender o TEA e as particularidades sensoriais e comportamentais das crianças que convivem com esse diagnóstico é essencial para uma prática de enfermagem inclusiva e acolhedora, que assegure o direito ao atendimento humanizado e individualizado para essa população.

Av. Adelina Alves Vilela, 393

Bairro: Jardim Primavera – Itumbiara – GO

(64)3404-9020

2 METODOLOGIA/ MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia adotada para este estudo consiste em uma revisão bibliográfica sobre o cuidado de enfermagem para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto hospitalar. A revisão foi realizada a partir de artigos científicos, livros e diretrizes de órgãos de saúde, com o intuito de compilar e analisar estudos que abordam estratégias de comunicação, adaptações sensoriais e intervenções comportamentais aplicadas no atendimento de crianças com TEA. As fontes foram selecionadas em bases de dados como Scielo, PubMed e Lilacs, utilizando descritores específicos, tais como "Transtorno do Espectro Autista," "enfermagem pediátrica," "adaptação sensorial" e "comunicação alternativa." Os critérios de inclusão compreenderam publicações dos últimos dez anos em português e inglês, que apresentassem evidências sobre práticas adaptativas de cuidado no ambiente hospitalar para crianças autistas. A partir dessa análise, buscou-se identificar as principais abordagens e intervenções recomendadas na literatura para atender de forma humanizada e eficaz essa população.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 Definição do transtorno do espectro autista

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de desenvolvimento neurológico que afeta as habilidades de comunicação, interação social e comportamentos. O autismo é classificado como um espectro, o que significa que as manifestações do transtorno variam significativamente em termos de tipo e gravidade. Crianças dentro desse espectro podem apresentar desde déficits graves em termos de linguagem e interação até habilidades comunicacionais mais sutis, que dificultam o reconhecimento do transtorno sem uma avaliação clínica profunda (Ribeiro *et al.* 2023).

A prevalência do TEA tem aumentado nas últimas décadas, o que tem gerado maior atenção por parte da comunidade médica e científica. De acordo com dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), a prevalência de TEA em crianças nos Estados Unidos é de aproximadamente 1 em cada 36, refletindo uma tendência global de aumento nos diagnósticos. Embora as causas exatas do TEA ainda não sejam completamente compreendidas,

acredita-se que uma combinação de fatores genéticos e ambientais contribua para o seu desenvolvimento. Estudos têm mostrado que variações em determinados genes podem aumentar a predisposição ao autismo, especialmente quando combinadas com fatores ambientais, como complicações na gravidez, idade avançada dos pais ou exposição a substâncias tóxicas (Souza Neto, 2024).

Dentro do contexto da saúde, o TEA representa um desafio significativo, principalmente em função das necessidades específicas dessas crianças, que variam de acordo com o grau e o tipo de manifestação do transtorno. Por exemplo, crianças não verbais podem apresentar maior dificuldade em expressar sintomas físicos ou desconfortos, tornando a avaliação clínica mais complexa. Já aquelas que possuem sensibilidades sensoriais elevadas podem ter reações adversas a procedimentos comuns, como exames físicos ou vacinas, o que exige uma abordagem cuidadosa e adaptada por parte dos profissionais de saúde (Moura; Silva; Landim, 2021).

Essas crianças requerem cuidados de saúde adaptados às suas necessidades, o que inclui um atendimento de enfermagem especializado, que leve em consideração as dificuldades comportamentais e sensoriais associadas ao espectro autista. Esse conhecimento sobre o TEA é fundamental para que os profissionais de enfermagem possam desenvolver planos de cuidado personalizados, promovendo o bem-estar integral dessas crianças durante o processo de atendimento de saúde.

3.2 Principais desafios por crianças autistas na saúde

Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrentam uma série de desafios específicos no contexto dos cuidados de saúde, que vão além daqueles comumente encontrados por crianças neurotípicas. A natureza do autismo, caracterizada por dificuldades na comunicação, interação social e alterações comportamentais, torna o processo de diagnóstico, tratamento e atendimento em ambientes de saúde particularmente complexo. Para os profissionais de enfermagem, compreender e abordar esses desafios de forma eficaz é crucial para garantir que o cuidado oferecido seja adequado, humanizado e seguro.

Um dos maiores desafios enfrentados por crianças autistas nos cuidados de saúde está



UNIFASC

HÁ 20 ANOS EDUCANDO E TRANSFORMANDO

RACE INTERDISCIPLINAR

REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA

ISSN 2674-7154



relacionado à comunicação. Muitas crianças autistas são não-verbais ou apresentam dificuldades para expressar suas necessidades, desconfortos ou sintomas. Esse déficit comunicacional pode dificultar a identificação de dores ou incômodos físicos, atrasando diagnósticos e complicando o tratamento. Além disso, mesmo crianças que possuem habilidades de fala podem não ser capazes de expressar adequadamente sentimentos de ansiedade, medo ou desconforto, o que pode gerar frustração tanto para a criança quanto para os profissionais de saúde. Para os enfermeiros, isso representa um desafio significativo, pois é necessário desenvolver habilidades alternativas de comunicação, como o uso de figuras, objetos ou aplicativos visuais, que facilitem a interação com a criança (Ferreira; Franzoi, 2019).

Outro obstáculo importante é a hipersensibilidade sensorial, característica comum entre crianças com TEA. Muitos procedimentos de saúde – desde a medição da pressão arterial até a administração de medicamentos ou vacinas – podem desencadear reações adversas em crianças autistas, especialmente devido à hipersensibilidade ao toque, sons, luzes ou cheiros. Esses estímulos, que para a maioria das crianças seriam toleráveis ou neutros, podem ser percebidos como dolorosos ou extremamente desconfortáveis por uma criança autista, resultando em crises de ansiedade, fuga ou comportamento agressivo. Assim, o ambiente hospitalar, que já é estressante para qualquer criança, torna-se ainda mais desafiador para aquelas no espectro autista, exigindo que os profissionais de enfermagem adaptem suas abordagens e rotinas (Sabeh; Veiga; Oliveira, 2024).

3.3 Cuidados de enfermagem em necessidades sensoriais

As necessidades sensoriais de crianças autistas são uma parte crucial a ser considerada no cuidado de enfermagem, dado que muitas delas apresentam hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos ambientais. Sons altos, luzes brilhantes, texturas desconfortáveis e até toques suaves podem ser percebidos de forma intensificada, causando desconforto extremo e desencadeando crises de ansiedade ou comportamentos de fuga. Por isso, o enfermeiro deve adaptar os cuidados para minimizar esses estímulos e oferecer um ambiente mais controlado e acolhedor, garantindo que o atendimento de saúde seja realizado de maneira tranquila e segura para a criança.

Av. Adelina Alves Vilela, 393

Bairro: Jardim Primavera – Itumbiara – GO

(64)3404-9020



UNIFASC

HÁ 20 ANOS EDUCANDO E TRANSFORMANDO

RACE INTERDISCIPLINAR

REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA

ISSN 2674-7154



Um dos primeiros passos na adaptação do cuidado é a avaliação dos perfis sensoriais da criança. Cada criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem respostas sensoriais únicas, que podem variar de uma hipersensibilidade a estímulos auditivos a uma busca por certos tipos de toques ou movimentos. Os enfermeiros devem, portanto, fazer uma avaliação detalhada para identificar quais estímulos causam desconforto ou reações adversas. Esse levantamento pode ser feito através de conversas com os pais ou cuidadores, observações diretas do comportamento da criança e, quando possível, a utilização de questionários de perfis sensoriais. Essa abordagem permite ao enfermeiro antecipar e evitar situações que possam sobrecarregar a criança sensorialmente (Cunha *et al.*, 2019).

Uma das adaptações mais comuns envolve o controle do ambiente físico. Muitos ambientes hospitalares são iluminados de maneira intensa e têm sons constantes de máquinas, equipamentos médicos e movimentação de pessoas, o que pode ser extremamente perturbador para crianças com hipersensibilidade sensorial. O enfermeiro pode tomar medidas simples, como reduzir a intensidade das luzes, fechar portas para diminuir ruídos externos e ajustar a temperatura do ambiente, garantindo que a criança se sinta menos sobrecarregada. Além disso, o uso de fones de ouvido que abafam ruídos, cobertores pesados que proporcionam uma sensação de segurança ou óculos escuros pode ser útil para ajudar a criança a lidar com o ambiente hospitalar (Neves, 2024).

Outro aspecto fundamental é o toque e o manuseio físico durante os procedimentos de enfermagem. Crianças autistas podem ter reações adversas ao toque, seja por hipersensibilidade, que faz com que toques leves sejam percebidos como agressivos, ou por hipossensibilidade, que pode levar a uma necessidade maior de pressão física para que sintam conforto. O enfermeiro deve estar atento a essas reações e adaptar seu toque de acordo com a necessidade da criança. Isso pode significar evitar toques desnecessários ou, no caso de crianças que buscam maior pressão física, oferecer conforto através de um abraço ou toque mais firme, sempre respeitando os limites da criança. Explicar previamente o que será feito, como será o toque e o que a criança pode esperar, também ajuda a reduzir a ansiedade e a preparar a criança para o procedimento (Cola *et al.*, 2017).

Além disso, adaptações no uso de materiais e equipamentos são essenciais para que o cuidado seja menos invasivo para crianças autistas. Por exemplo, o uso de materiais com

texturas suaves durante procedimentos como a aplicação de curativos ou a escolha de aventais e roupas de cama que não gerem desconforto são ajustes simples, mas importantes. O enfermeiro também pode considerar o uso de instrumentos médicos adaptados, como termômetros que não necessitam de contato prolongado com a pele, ou substituições de procedimentos que envolvam menos toque ou interação direta com o corpo da criança, sempre que possível (Oliveira; Alves; Rodrigues, 2024).

Outra estratégia importante no cuidado sensorial adaptado é a preparação da criança para os procedimentos. Muitas crianças autistas podem reagir mal a mudanças inesperadas ou à falta de previsibilidade. Portanto, o enfermeiro deve preparar a criança para o que está por vir, explicando de maneira visual ou através de objetos o que será feito, como exames ou intervenções de saúde. O uso de histórias sociais ou cartões de comunicação que detalham o passo a passo do procedimento pode ajudar a reduzir a ansiedade da criança. Quando possível, permitir que a criança participe de simulações ou brincadeiras com os equipamentos médicos antes de um procedimento pode desmistificar o processo e diminuir o estresse (Oliveira *et al.*, 2022).

Por fim, o enfoque no tempo e no ritmo do cuidado também é fundamental. Crianças com TEA podem precisar de mais tempo para se adaptar a novos ambientes ou para processar informações sensoriais e emocionais. Os enfermeiros devem evitar apressar os procedimentos, respeitando o tempo necessário para que a criança se sinta confortável e pronta. Isso pode incluir a realização de intervalos durante o procedimento ou a escolha de momentos do dia em que a criança esteja mais calma ou receptiva ao atendimento (Sousa *et al.*, 2018).

3.5 Planos de cuidado especializados

O desenvolvimento de planos de cuidado individualizados é um componente essencial no atendimento de crianças autistas, uma vez que cada criança apresenta características, sensibilidades e necessidades únicas. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) abrange uma vasta gama de manifestações, variando desde dificuldades graves de comunicação até peculiaridades sensoriais e comportamentais. Portanto, os enfermeiros devem adotar abordagens flexíveis e personalizadas, garantindo que o cuidado oferecido respeite essas



UNIFASC

HÁ 20 ANOS EDUCANDO E TRANSFORMANDO

RACE INTERDISCIPLINAR

REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA

ISSN 2674-7154



particularidades e promova o melhor resultado possível para cada criança,

A primeira etapa no desenvolvimento de um plano de cuidado individualizado é a avaliação abrangente das necessidades da criança. Isso envolve não apenas a avaliação médica e clínica, mas também a compreensão do contexto familiar, das preferências sensoriais e comportamentais, e das estratégias de comunicação que a criança utiliza. Entrevistar os pais ou cuidadores é um passo fundamental para identificar os desafios e as rotinas que são importantes para o bem-estar da criança. Essa avaliação ajuda a prever possíveis dificuldades que podem surgir durante o tratamento e a identificar intervenções que melhor se adaptem ao perfil da criança (Ferreira; Theis, 2021).

Além disso, um plano de cuidado individualizado deve levar em consideração os comportamentos e respostas específicas da criança. Por exemplo, uma criança que se sente sobrecarregada por estímulos visuais e auditivos pode precisar de um ambiente mais silencioso e menos iluminado para se sentir confortável. Outra criança pode ter dificuldade em aceitar toques físicos, o que exige que o enfermeiro adapte a forma como realiza procedimentos, como a coleta de sinais vitais ou a administração de medicamentos. Conhecer essas respostas permite que o enfermeiro implemente estratégias de manejo comportamental que ajudam a reduzir a ansiedade da criança e tornar o atendimento mais eficaz e tranquilo (Fartes, 2023).

O uso de ferramentas de comunicação adaptadas também é fundamental em um plano de cuidado individualizado. Crianças autistas, especialmente aquelas que são não-verbais ou têm dificuldade em processar a fala, se beneficiam de métodos de comunicação visual ou gestual. Nesse sentido, o enfermeiro pode utilizar sistemas de figuras, cartões de comunicação ou aplicativos tecnológicos que ajudem a criança a entender e participar do processo de cuidado. Isso garante que a criança tenha uma maior compreensão do que está acontecendo, o que pode reduzir o estresse e aumentar a cooperação durante os procedimentos (Carvalho; Sousa; Azevedo, 2022).

Outro aspecto importante do desenvolvimento de um plano de cuidado individualizado é a adaptação dos procedimentos de saúde de acordo com as preferências da criança. Por exemplo, crianças que têm resistência a determinados estímulos sensoriais podem necessitar de uma abordagem gradual, que envolva a introdução lenta de novos materiais ou rotinas. No caso de uma criança que tenha dificuldades com exames invasivos ou desconfortáveis, como a coleta

Av. Adelina Alves Vilela, 393

Bairro: Jardim Primavera – Itumbiara – GO

(64)3404-9020

de sangue, pode-se tentar adaptar a posição, oferecer brinquedos ou dispositivos sensoriais que proporcionem conforto, ou até mesmo realizar a intervenção em etapas, respeitando os limites da criança (Cardoso, 2018).

Por fim, um plano de cuidado individualizado deve ser dinâmico e revisado periodicamente, pois as necessidades de uma criança autista podem mudar ao longo do tempo. O que funciona em uma etapa do desenvolvimento da criança pode não ser eficaz em outra, o que exige ajustes constantes no cuidado. A equipe de enfermagem deve monitorar de perto o progresso da criança e fazer as alterações necessárias no plano de atendimento para garantir que ele continue adequado às suas necessidades.

3.6 Estratégias de comunicação eficazes

A comunicação é um elemento central na prestação de cuidados de saúde, e no caso de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), ela adquire uma importância ainda maior. Crianças autistas frequentemente apresentam dificuldades em se comunicar de forma tradicional, seja por limitações verbais, desafios na interpretação de gestos e expressões faciais ou mesmo pela incapacidade de expressar seus sentimentos e desconfortos. Por isso, os enfermeiros precisam desenvolver estratégias de comunicação eficazes e adaptadas, que ajudem a construir uma relação de confiança com a criança e garantam que ela compreenda o processo de cuidado.

Um dos aspectos mais importantes na comunicação com crianças autistas é o uso de métodos visuais. Muitas delas respondem melhor a imagens, gráficos ou símbolos do que a instruções verbais complexas. Ferramentas como cartões de comunicação, que apresentam figuras de objetos, ações ou sentimentos, podem ser utilizadas para que a criança compreenda o que está acontecendo ou seja capaz de expressar o que sente. Esses cartões podem conter imagens de atividades como “exame”, “injeção”, “repouso” ou sentimentos como “dor” e “medo”. O uso de quadros visuais com sequência de atividades também é útil para que a criança entenda a ordem dos procedimentos, reduzindo a ansiedade provocada pela imprevisibilidade do ambiente hospitalar (Barbosa; Oliveira, 2024).

Além de métodos visuais, a simplificação da linguagem verbal é essencial. Crianças

com TEA podem ter dificuldade em compreender instruções longas ou frases complexas. Portanto, o enfermeiro deve adotar uma linguagem clara, direta e sem excesso de informações. Frases curtas como “agora vou medir sua temperatura” ou “vou colocar este curativo” são mais facilmente compreendidas do que explicações detalhadas. O tom de voz também é importante; ele deve ser calmo e tranquilizador, evitando ser muito alto ou abrupto, o que poderia causar desconforto sensorial (Pereira *et al.*, 2019).

A comunicação não verbal também é uma estratégia eficaz para interagir com crianças autistas. Embora muitas delas possam ter dificuldade em interpretar expressões faciais e gestos, o uso repetido de sinais não verbais simples, como apontar para objetos ou fazer gestos que indiquem “esperar” ou “parar”, pode facilitar a compreensão. O contato visual, no entanto, deve ser feito com cautela, pois algumas crianças autistas se sentem desconfortáveis ou ansiosas com o contato visual direto. Respeitar os limites de cada criança nesse sentido é crucial para estabelecer uma comunicação que não a sobrecarregue (Conterno *et al.*, 2022).

Além disso, escuta ativa é um elemento fundamental nas estratégias de comunicação eficazes. O enfermeiro deve estar atento às tentativas de comunicação da criança, que podem não ser verbais ou seguir padrões esperados. Comportamentos como apontar, puxar o enfermeiro para uma área específica, ou mesmo ações como se afastar ou se cobrir podem ser sinais de desconforto ou tentativas de comunicação. O profissional de enfermagem deve estar sensível a esses sinais e responder de maneira apropriada, sem pressa ou pressão para que a criança se expresse de forma convencional (Moreira, 2023).

Finalmente, é importante lembrar que a colaboração com os pais ou cuidadores também é uma peça chave na comunicação eficaz. Os pais, que conhecem melhor a criança, podem oferecer informações valiosas sobre os métodos de comunicação que funcionam melhor, como gestos específicos, palavras-chave ou objetos de conforto. O enfermeiro deve envolver os pais no processo, permitindo que eles ajudem a facilitar a comunicação e a tranquilizar a criança durante os procedimentos.

3.7 Intervenções comportamentais no ambiente hospitalar

As intervenções comportamentais são fundamentais no cuidado de crianças autistas no



UNIFASC

HÁ 20 ANOS EDUCANDO E TRANSFORMANDO

RACE INTERDISCIPLINAR

REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA

ISSN 2674-7154



ambiente hospitalar. Dado que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolve desafios significativos no que diz respeito ao comportamento, à interação social e à comunicação, os enfermeiros precisam estar equipados com estratégias que ajudem a reduzir o estresse e o desconforto das crianças durante procedimentos médicos. A implementação de intervenções comportamentais eficazes não apenas melhora a experiência da criança no ambiente hospitalar, mas também garante um cuidado mais seguro e eficiente (Souza; Cardoso; Matos, 2023).

Um aspecto importante das intervenções comportamentais é a estruturação do ambiente hospitalar. O ambiente hospitalar pode ser percebido como caótico e excessivamente estimulante para crianças autistas, principalmente devido à presença de ruídos constantes, luzes fortes e múltiplos estímulos visuais. O enfermeiro pode ajustar o espaço de acordo com as necessidades da criança, criando uma área de baixa estimulação sensorial, onde os ruídos são minimizados e a iluminação é controlada. O uso de cortinas para diminuir a exposição visual e de fones de ouvido para abafar os sons também pode ser útil. A criação de um ambiente estruturado e previsível ajuda a reduzir a sobrecarga sensorial e, conseqüentemente, o comportamento de fuga ou resistência (Sabeih; Veiga; Oliveira, 2024).

Reforços positivos são outra estratégia eficaz de intervenção comportamental. Muitas crianças autistas respondem bem ao uso de reforços tangíveis ou verbais para recompensar comportamentos cooperativos ou para ajudá-las a completar etapas desafiadoras durante o atendimento médico. Por exemplo, após um procedimento de sucesso, o enfermeiro pode oferecer um adesivo, um brinquedo pequeno ou elogiar a criança de forma clara e sincera. Esses reforços ajudam a criar associações positivas com o ambiente hospitalar, incentivando a colaboração em visitas futuras. A chave para o uso de reforços positivos é a consistência e o reconhecimento imediato de comportamentos apropriados ou progressos, mesmo que pequenos (Oliveira; Alves; Rodrigues, 2024).

As técnicas de manejo de crises são igualmente cruciais no ambiente hospitalar. Crianças com TEA podem experimentar crises comportamentais, quando expostas a situações estressantes ou sobrecarga sensorial. Essas crises podem se manifestar como choro intenso, agitação física, tentativa de fuga ou agressividade. Quando uma crise é iminente ou já está ocorrendo, o enfermeiro deve agir com calma, evitando confrontos diretos ou punições. Técnicas de desescalamento, como falar em um tom baixo e suave, proporcionar um espaço

de calma ou permitir que a criança tenha um objeto de conforto, podem ajudar a reduzir a intensidade da crise. Além disso, proporcionar à criança a oportunidade de se afastar temporariamente do ambiente que a está sobrecarregando pode ser uma estratégia eficaz para ajudá-la a recuperar o controle emocional (Santos, 2023).

Outro recurso de intervenção comportamental no ambiente hospitalar é a introdução gradual dos procedimentos. Para crianças autistas, a repetição e a familiarização podem ajudar a reduzir o medo de certos procedimentos médicos. O enfermeiro pode dividir o procedimento em pequenas etapas, permitindo que a criança se familiarize com cada uma delas antes de passar para a próxima. Por exemplo, ao medir a pressão arterial, pode-se primeiro permitir que a criança toque o aparelho, veja como funciona e só depois iniciar a medição. A introdução gradual diminui o medo do desconhecido e aumenta a tolerância ao processo (Moreno, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS/ CONCLUSÃO

A assistência de enfermagem a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) requer uma abordagem adaptada e empática que leve em consideração as especificidades do espectro autista. Essas crianças enfrentam desafios únicos, como dificuldades na comunicação e hipersensibilidade sensorial, que tornam o atendimento em saúde uma experiência potencialmente estressante. Assim, é fundamental que o enfermeiro adote estratégias de comunicação visual, simplifique instruções e respeite os limites sensoriais de cada criança, promovendo um ambiente de atendimento acolhedor e seguro.

A implementação de planos de cuidado individualizados, que considerem as preferências e limitações da criança, é essencial para um atendimento mais eficaz. Ferramentas de comunicação adaptadas, como cartões visuais e aplicativos, permitem que a criança compreenda e participe do processo de cuidado, reduzindo a ansiedade. Além disso, intervenções comportamentais, como o uso de reforços positivos e técnicas de manejo de crises, ajudam a minimizar o estresse durante os procedimentos, criando associações positivas com o ambiente hospitalar.

Ao preparar a criança para os procedimentos e ajustar o ambiente físico, o enfermeiro



UNIFASC

HÁ 20 ANOS EDUCANDO E TRANSFORMANDO

RACE INTERDISCIPLINAR

REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA

ISSN 2674-7154



pode tornar o atendimento menos invasivo, diminuindo estímulos visuais, auditivos e táteis que possam desencadear reações adversas. A colaboração com os pais e cuidadores é igualmente essencial, pois eles contribuem com informações valiosas sobre as preferências e necessidades da criança, facilitando a adaptação do atendimento.

A capacitação contínua dos profissionais de enfermagem, orientada para as melhores práticas e novas tecnologias, é indispensável para garantir que o cuidado evolua de forma a atender às necessidades físicas e emocionais de crianças autistas. Esse enfoque humanizado e adaptativo contribui para uma experiência de saúde mais positiva e respeitosa, promovendo o bem-estar integral da criança e fortalecendo a confiança dos pais na equipe de saúde.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Isaac Gomes Xavier. **Quadro de rotinas assistivo: design e inovação para apoio às necessidades de crianças com Transtorno do Espectro Autista**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso.

CARDOSO, Maiara Lascani. **Práticas de cuidado do enfermeiro às crianças com autismo e suas famílias: uma revisão integrativa**. Trabalho de Conclusão de Curso em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS, 2018

CARVALHO, Ananda Silva; DE SOUSA, Mariane Gomes Duarte; AZEVEDO, Francisco Honeidy Carvalho. Assistência em Enfermagem a Crianças com Autismo: revisão integrativa de 2017 a 2022. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 3, n. 6, p. e361523-e361523, 2022.

CONTERNO, Júlia Reis et al. Assistência de enfermagem a criança com Transtorno de Espectro Autista:: Revisão integrativa. **Varia Scientia-Ciências da Saúde**, v. 8, n. 2, p. 191-200, 2022.

CUNHA, Mayara Conde Galvão et al. Sistematização da Assistência de Enfermagem a criança autista na unidade hospitalar. **Revista Interdisciplinar Pensamento Científico**, v. 5, n. 3, 2019.

FARTES, Beatriz Lanferini et al. Métodos de abordagem que podem ser utilizados pelo enfermeiro para aprimorar o atendimento à criança com transtorno do espectro autista. São Paulo, 2023. 42 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2023.

FERREIRA, Ana Caroline Souza Saraiva; FRANZOI, Mariana André Honroato.



UNIFASC

HÁ 20 ANOS EDUCANDO E TRANSFORMANDO

RACE INTERDISCIPLINAR

REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA

ISSN 2674-7154



Conhecimento de estudantes de enfermagem sobre os transtornos autísticos. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 51-60, 2019.

FERREIRA, Tatyane Lima Rocha; THEIS, Laís Carolini. Atuação do profissional enfermeiro na assistência às crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, v. 15, n. 22, p. 85-98, 2021.

MOREIRA, Ianny Victoria Torres. Assistência de enfermagem a pessoa com transtorno do espectro autista na atenção primária: uma revisão da literatura. **Anais I jornada acadêmica de saúde: 2023**, 2023.

MORENO, D. C. V. Uso da pedagogia visual no manejo odontológico do paciente pediátrico com transtorno do espectro autista (TEA): revisão de literatura. 2022. 35 f. Monografia (Graduação em Odontologia) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/69667>.

MOURA, Gisele Viana; DA SILVA, Rayana Rodrigues; LANDIM, Liejy Agnes do Santos Raposo. Seletividade alimentar voltada para crianças com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão da literatura. **Revista Arquivos Científicos (IMMES)**, v. 4, n. 1, p. 14-19, 2021.

NEVES, Juliana Duarte. **Arquitetura Sensorial: a arte de projetar para todos os sentidos**. mapa lab, 2024.

OLIVEIRA, Lorrany; ALVES, Maria; RODRIGUES, Gabriela. O enfermeiro frente a assistência da criança autista (enfermagem). **Repositório Institucional**, v. 2, n. 2, 2024.

OLIVEIRA, Maria Vitória Melo et al. Avaliação de habilidades básicas de estudantes no espectro autista: reforçadores, desempenho visual, linguagem e imitação. **Nova Revista Amazônica**, v. 10, n. 2, p. 39-58, 2022.

Av. Adelina Alves Vilela, 393

Bairro: Jardim Primavera – Itumbiara – GO

(64)3404-9020



UNIFASC

HÁ 20 ANOS EDUCANDO E TRANSFORMANDO

RACE INTERDISCIPLINAR

REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA

ISSN 2674-7154



PEREIRA, Lorena David et al. Perspectiva e estratégia materna ante a comunicação da criança com transtorno do espectro autista. **Pensando famílias**, v. 23, n. 2, p. 208-222, 2019.

RIBEIRO, Laura Araujo et al. Abordagem geral do Transtorno do Espectro Autista. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 23, n. 4, p. e12807-e12807, 2023.

SABEH, Maria Eduarda Godoi; VEIGA, Alessandro Gabriel Macedo; DE OLIVEIRA, Aline Cristina Dias. Cuidado sensível: abordagem da equipe de enfermagem em pacientes com transtorno do espectro autista (tea). **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 10, p. 1044-1058, 2024.

SOUSA, Bruna Sabrina et al. A enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar. **Saúde e Pesquisa**, v. 11, n. 1, p. 163-170, 2018.

SOUZA, Katieli Oliveira; CARDOSO, Khawany Telles; MATOS, Aurindo Henrique Costa. O papel da enfermagem no cuidado com crianças do espectro autista. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 6, p. 2391-2407, 2023.